

A Nova Bienal de Paris: livros de Julian Opie, ampliações de Gilbert & George e um painel de Rosenquist

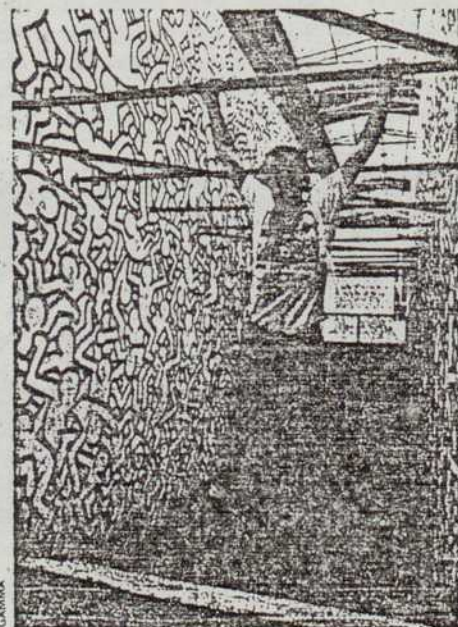
## Arte

# Uma festa à francesa

A Nova Bienal de Paris, com 120 artistas de 23 países, confirma um explosivo retorno à pintura

Dez anos atrás, quem entrasse numa exposição de arte contemporânea precisava preparar o espírito para uma espécie de sacrifício: era a época da chamada arte conceitual e de obras difíceis e abstratas em que o artista construía monumentos à impossibilidade de comunicar-se com o público — e o espectador também precisava sofrer para entendê-los. Hoje a situação não é mais esta, como comprovaram os 50 000 visitantes que já percorreram a Nova Bienal de Paris, inaugurada a 21 de março e que permanecerá aberta até 21 de maio.

Exibindo o trabalho de 120 artistas, de jovens quase desconhecidos a estrelas internacionais como a dupla inglesa Gilbert & George ou o americano James Rosenquist — com representantes de 23 países, inclusive quatro brasileiros (veja quadro na pág. 104) —, a Bienal de Paris encarregou-se de consagrar uma bem-vinda tendência das artes plásticas em todo o mun-



Keith Haring: um corredor de graffiti

do: a de que uma exposição não é um puro exercício cerebral para iniciados — mas uma festa de tintas e cores, desenhos e figuras, onde se podem descobrir cenas cotidianas, graffiti de rua e até imagens de muito humor, como os livros gigantes do inglês Julian Opie.

**FOLHA DE GIBI** — Conhecida pelo prestígio de seus museus e pela glória de seus salões, Paris, nas últimas duas décadas, viu esse prestígio cair a um nível próximo da melancolia. Atrapalhadas por um regulamento burocrático e por falta de verbas, suas doze bienais anteriores tornaram-se um ritual inofensivo e sem expressão. A contra-ofensiva deste ano, porém, tem o peso de uma respeitável demonstração de força. Apoiada numa verba milionária de 1,7 milhão de dólares, equivalente a quase 7,5 bilhões de cruzeiros, um regulamento no qual foi eliminado o limite de idade para os convidados — antes só entravam artistas com menos de 35 anos — e com a seleção de artistas feita por uma comissão da própria Bienal, ela já se tornou um novo espaço na cena internacional. Além disso, os franceses puderam dar-se ao luxo de exibir seus triunfos caseiros. Entre eles, a tela *Dirosapocalypse*, do jovem Hervé Di Rosa, 25 anos, de proporções gigantescas: 4 x 8 metros. A tela funciona como uma poderosa síntese da exposição. A referência de Di Rosa são as histórias em quadrinhos. Por isso, na tela recheada e colorida como uma imensa folha de gibi, ele desenhou setenta

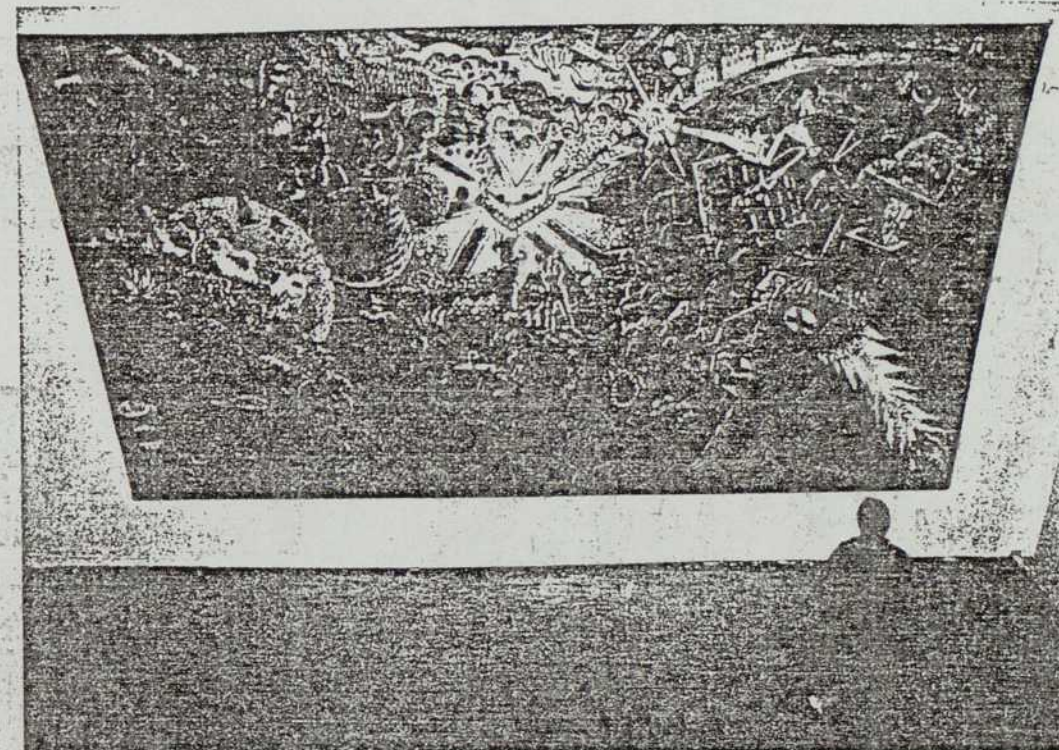
personagens que representam três povos, quatro planetas e quatro universos diferentes, com a figura de Deus ao centro.

Se a sua imaginação é fértil, seus traços são ao mesmo tempo simples e precisos. "Prefiro uma boa história em quadrinhos a uma exposição de pinturas", diz Hervé, que talvez por isso mesmo foi escolhido para criar o cartaz oficial desta Bienal. Na verdade não se trata de um simples modismo, mas de uma outra atitude em relação à arte. Os primeiros a transportar cenas de gibis para as telas foram os artistas da pop art americana. Só que hoje a linguagem narrativa dos quadrinhos integrou-se à pintura. A barreira entre a arte erudita e a popular cada vez está menor, e o trabalho de Di Rosa não é o único exemplo nesse sentido.

**OLHO NO PASSADO** — Uma das superestrelas internacionais presentes nesse grande conjunto é o americano Keith Haring, 27 anos, que foi descoberto grafitando os metrô de Nova York com uma divertida figura de um bebê radiativo — ele fazia um garotinho engatinhando, cercado de riscos pretos como uma auréola de radiação. Haring já esteve em São Paulo na Bienal passada e em Paris recobriu um vasto corredor com minúsculas figurinhas. "O homem moderno consome informação numa velocidade inacreditável", lembra Haring, "por isso, o artista moderno tem que produzir imagens de modo rápido e eficaz, para manter a sintonia com esse mundo em perpétua agitação."

A explosão dos quadrinhos é apenas parte de um movimento bem maior — a volta da figura, quase sempre em proporções gigantescas. Nesse retorno à figura, a Bienal não esqueceu de prestar homenagem a alguns pioneiros dessa caminhada, como o francês Jean Hélion, 81 anos, um dos precursores dessa forma de expressão que explodiu nos anos 80.

Se nos anos 70 a arte era uma verdadeira linha de montagem de experimentalismo, com a tentativa de incorporar novas tecnologias à expressão artística, os anos 80 marcam outra etapa. Inventar o novo já não é uma tarefa prioritária. Os artistas não temem olhar para o passado e nele



Hervé Di Rosa: uma única tela monumental, com o título *Dirosapocalypse*

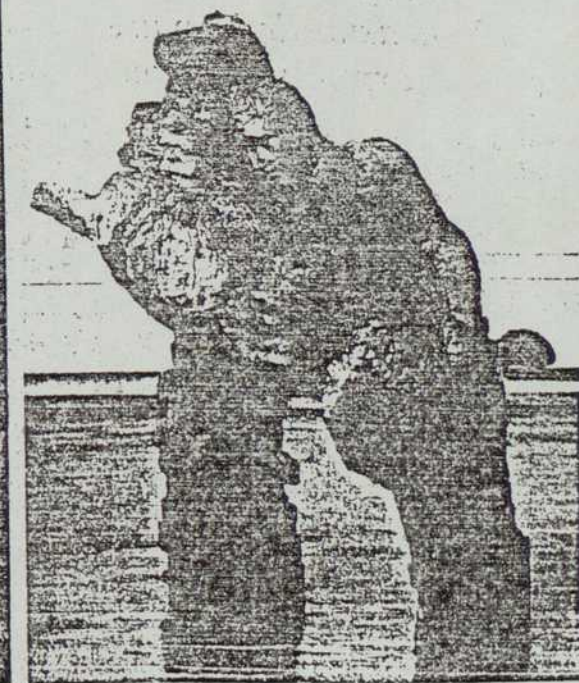
encontrar a sua mais rica fonte de inspiração. O alemão Holger Bunk, 30 anos, usa seus personagens envolvidos por fundos e figurantes que lembram outras técnicas e outros artistas — sua tela mais notável na Bienal mostra uma figura segurando uma vela, numa irônica lembrança a antigas composições de Picasso.

Esse gosto por evocações do passado

também pode indicar a falta de sólidas certezas quanto ao futuro — coincidência ou não, a Bienal inclui cinco artistas que trabalham com variações em torno da ideia do fim do mundo, inclusive Hervé Di Rosa. O pessimismo, porém, está longe de ser obrigatório. É a cor e a sensualidade das formas que valorizam a técnica da pintura na maioria dos trabalhos, além da inclusão



Jean Hélion: um mestre entre os jovens



Chiechi: nova versão para *O Menino e o Cordeiro*